

JOÃO TORDO

OS DIAS CONTADOS

THRILLER



COMPANHIA DAS LETRAS

«Tolerabile est semel anno insanire.»

De Civitate Dei, VI.10

*Uma vida plena será plena de dor.
Mas a única alternativa é não viver
plenamente, ou nem sequer viver.*

M. SCOTT PECK

NOTA

Esta é uma obra de ficção. Não pretende representar a realidade, nem os trâmites legais da PSP ou de quaisquer outras forças da autoridade.

O seu único objectivo é ser muito mais interessante do que a realidade.

7 de Abril de 2013

Pilar viu tudo como se fosse em câmara lenta.

Desde o momento em que apanharam o primeiro teleférico — sentados num banco comprido e basculante, arrastados por um cabo de aço, protegidos do vazio apenas por uma barra de ferro —, a realidade pareceu abrandar o seu passo vertiginoso.

Ao seu lado, ele tremia. Ela sentia-lhe o medo; era uma energia tão avassaladora, que tudo parecia ameaçador. A própria barra de segurança dava a impressão de querer abrir-se e atirá-los dali abaixo, a quinze ou vinte metros do abismo de neve.

“Estou apavorado”, disse ele. Tinha os olhos marejados de lágrimas. “É como se soubesse que estou a ir para o Inferno e que não posso voltar para trás.”

Mais tarde, depois do confronto no topo da montanha, naquela língua de terreno cuja única fuga era o precipício, deu-se conta de que tudo, nas semanas anteriores — desde que o caso tomara conta da sua vida —, contribuía para aquele trágico final. A luta contra a montanha nevada era também a luta contra o fantasma do seu pai, contra os seus demónios, contra a própria força policial que devia protegê-la, contra a injustiça.

Contra si própria.

A gôndola estacou a meio caminho. Lá em cima, no Pico Veleta, na luminosidade que os cegava — o sol reflectido no branco infinito —, Zoran Boki aguardava-os.

A vida que mais importava estava nas suas mãos.

O vento fustigava-os agora com maior violência. Fora por isso que a gôndola parara, pensou Pilar. Estavam a meio caminho entre o lado oeste e o lado leste da montanha, directamente sobre a cumeada. Lá em baixo, viram um esquiador descer a grande velocidade, levantando um rasto de neve atrás de si.

Pilar pegou na mão enluvada do homem ao seu lado.

“Então, vamos de mãos dadas”, disse ela. “Se vamos para o Inferno, que seja de mãos dadas.”

PRIMEIRA PARTE

Fevereiro de 2013

Os problemas começaram na brancura a perder de vista, o silêncio da montanha apenas entrecortado pelo vento, como no prenúncio de uma avalanche.

Começaram com um criminoso instrutor de esqui chamado Óscar, com a imaginação delirante do meu filho, com tudo por resolver entre mim e a minha mulher, com o trabalho em desordem. Quando, finalmente, o desastre aconteceu, foi o resultado de uma série de circunstâncias, das quais eu podia apenas controlar uma pequena fracção, grande parte das quais já se previam há largos anos. Portanto, quando caí e desloquei a cabeça do úmero, danificando com gravidade os tendões e os ligamentos que sustentam essa articulação, não se pode dizer que as coisas tivessem vindo do nada. Os problemas, na verdade, não começaram na brutal claridade da Serra Nevada; o que aconteceu foi que, nesse lugar, eles soltaram, por fim, o seu grito de revolta.

Mais tarde, haveria um cadáver.

Depois, outro.

Gostava de perceber como chegámos a esse ponto, mas há um problema. Nos livros e nos filmes, há índios e *cowboys*. Há polícias e ladrões. Há bons e maus. A realidade é muito diferente. Existem pouquíssimas pessoas verdadeiramente más. Eu não conheço nenhuma. A esmagadora maioria dos assassinos, por exemplo, não nasceu assassino. A esmagadora maioria dos assassinos nunca pensou sequer em matar; nasceu normal, a querer levar uma vida normal — com poucos acidentes,

urgências ou tragédias —, e, depois, vítima das circunstâncias — essa sucessão extraordinária de factos e consequências —, é levada a matar, tornando esse gesto insensato, cruel e desesperado numa necessidade, senão numa inevitabilidade.

Ou, então, é tudo um azar do caracas.

Eu prefiro acreditar nessa conjuntura. É preciso que exista um Óscar nas nossas vidas. Ossos, ligamentos e articulações danificados. É preciso que existam dor e angústia, uma sogra insuportável, a inocente falta de sentido de oportunidade de um filho; é necessário ser perseguido pela Máfia, acossado pela Polícia (por uma agente imprudente, quase louca); é imperativo ser coagido pela pressão esmagadora da vida.

Bem vistas as coisas, talvez se possa até dizer que muitos de nós se encontram na iminência de matar alguém, e que só não o fazem por saberem que isso lhes dará cabo do futuro. Mas quando um tipo vai passar o Carnaval à Serra Nevada com a família — transportando o peso imensurável das coisas não ditas e das coisas não feitas, dos pensamentos que se atropelam como corcéis em debandada, dos sentimentos como ondas que continuamente se esmagam na enseada da consciência — e os problemas finalmente emergem, talvez se torne mais fácil compreender tudo o que acontece depois.

Eu estava sentado na ponta direita do banco comprido, Dylan ao meu lado, Óscar no meio. A minha mulher à esquerda, ao lado de um senhor americano cujo nariz parecia um sorvete.

“Não estou preparado para isto”, disse eu.

“Estás, sim”, respondeu Dylan. “Tu consegues, pai.”

Óscar abanou a cabeça em negação, franzindo os lábios gretados. Estávamos uns vinte e cinco metros acima do chão, numa

das cadeiras mecânicas da estância, que basculava sob o vento fortíssimo que varria o enorme vale coberto de neve. De repente, a cadeira parou. Ficámos entre uma estação e a outra, a meio do percurso, sustentados por um enorme gancho de ferro que pendia de um cabo de aço. Bastar-me-ia erguer a barra de segurança e avançar uns centímetros, e cairia para a minha morte, focinho enterrado na neve, esquis como pregos no meu caixão natural.

“O que é que aconteceu?”, perguntou Myriam.

“É assim mesmo”, respondeu o instrutor.

“É normal parar a meio?”

“*Por supuesto.*”

Óscar e eu não tínhamos propriamente começado da melhor maneira. Ele era de Maiorca e alternava entre ser instrutor de esqui no Inverno e instrutor de *surf* no Verão. Também era burro e monossilábico. No primeiro dia, gritou comigo duas vezes — da primeira, quando não fui capaz de avançar com os esquis nas pistas das crianças (Dylan teve de empurrar-me enquanto se desmanchava a rir); a segunda, quando não consegui dobrar os joelhos o suficiente para travar e atropelei uma senhora que me atirou um palavrão em russo.

“Tenho um metro e noventa e dois!”, gritei, deitado na neve. Ele não percebia nada de português, e eu estava farto de tentar falar como se tivesse engolido uma malagueta. Queria que o espanhol se lixasse, mais o esqui e Palma de Maiorca. “Achas que tenho a idade do meu filho?”

Ele ignorou-me. Continuou a dar indicações a Myriam e a Dylan, que começavam a conseguir deslizar graciosamente pelas pistas. A meio dessa primeira tarde, já sem sentir as pernas ou os braços, e massacrado pelo número de quedas aparatosas com as quais diverti os grupos de crianças que esquiavam com espantosa facilidade, afastei-me na direcção do hotel, frustrado,

a rogar pragas a Óscar, que parecia empenhado em envergonhar-me em frente da família. Dobra as pernas!, Não dobres as pernas!, Inclina-te, *puta madre*. Não te inclines tanto, Desliza, *coño*, desliza! As instruções sucediam-se e as minhas quedas também. A certa altura, perdi a paciência e mandei-o à merda.

“Inclina-te para a esquerda se queres virar para a direita, *coño*!” E eu respondi, entredentes: “*Vete tu a la mierda*.”

Olhei para Dylan, que encolheu os ombros e desceu a pequena colina com suavidade, no encalço de Myriam. Senti-me só, cansado, abandonado, sem esperança.

Quando a cadeira estacou a meio do percurso, lá em cima, o desconforto que já existia só se agravou. Olhei à minha volta. O rosto do americano parecia congelado — imaginei uma longa estalactite a formar-se no nariz daquele pobre coitado, um divorciado da Flórida que parecia um chimpanzé deslocado para o Ártico. Quando reparei que o instrutor conversava animadamente com a minha mulher, fui incapaz de conter a irritação e afirmei:

“Esta porcaria *não devia* parar a meio.”

“Tu consegues, pai.”

“Pára de dizer isso.”

“*No t’entenc*”, respondeu.

Óscar riu-se, porque tinha passado os últimos dias a ensinar expressões catalãs a Dylan.

As nossas pernas balouçavam no vazio, o vento agitava a cadeirinha suspensa do cabo, a nossa única salvaguarda da morte.

“*Oh, my god*”, disse o americano.

Miriam afagou-lhe o ombro. “Não se preocupe, é normal.”

Estávamos a meio do grande vale cuja encosta coberta de neve descia abruptamente no sentido contrário, na direcção

de Borreguiles, onde ficavam os restaurantes e os cafés, os lugares seguros, o calor, o conforto. De repente, tudo aquilo me pareceu perigosíssimo, uma insanidade da qual já não havia retorno. Uns quantos esquiadores deslizavam lá em baixo, pequenos pontos escuros no branco infinito. Óscar não se movia; os óculos escuros escondiam-lhe as feições de maiorquino burro, um meio-sorriso desenhado nos lábios gretados. Uma rajada de vento atravessou o vale silencioso. O ranger dos cabos, o diálogo irritante entre Myriam e Óscar — que falavam do aquário de Palma de Maiorca, onde se podia mergulhar com os tubarões —, e, de repente, com um sacão enervante, o cabo moveu-se, e a cadeira tornou a arrancar.

“S’ha acabat el bròquil”, disse o meu filho.

“Cala-te com isso”, praguejei.

Myriam abanou a cabeça, repreendendo-me. Vi-me refletido nos seus óculos. Ao lado dela, o americano benzia-se. Num par de minutos, chegámos à estação. Era altura de seguirmos o instrutor e descermos uma pista verde, que corria pelo lado esquerdo da montanha. Os carris rolantes de saída provocaram-me o primeiro sobressalto: eu era o último da fila; o americano ia à frente e, assim que aterrou com os esquis na neve, pareceu ganhar estabilidade (talvez o seu peso de baleia tenha ajudado a manter o centro de gravidade). Comigo, a história era outra: uns meros setenta e quatro quilos para um metro e noventa e dois faziam de mim uma espécie de vareta humana; mesmo parado, o meu equilíbrio era instável — tantas vezes, diante da orquestra, me baixava para apanhar uma folha da partitura e, ao reerguer-me, ficava tão zozzo, que a primeira violinista tinha de estender o braço para me segurar. Assim que os meus esquis assentaram nos carris, o meu corpo ficou duro como uma tábua; segurava os bastões com uma força desmesurada, enquanto

Óscar gritava: “Bastões para trás, *carxofa!*” (mais tarde, descobri que *carxofa* significava alcachofra, mas também idiota); e os esquis eram muito mais rápidos que eu. Ao contrário do que o meu filho dissera, eu estava preparado para qualquer coisa, menos para aquilo.

Ao fundo, o americano já voltara para o lado esquerdo, na direcção da pista verde. Ao centro, a montanha fazia uma descida abrupta, onde os esquiadores e *snowboarders* se lançavam, destemidos. Óscar fez sinal ao meu filho para que o seguisse, Myriam ia à frente — ela esquiara muitas vezes no Canadá, em Mont Tremblant, a estância chique a que os seus insuportáveis pais a levavam desde criança —, e eu deveria seguir Dylan.

De repente, o medo.

Lembrei-me de uma situação afim, paralisante. Foi quando compus a minha primeira banda sonora, no ano já distante de 1988; na antestreia do filme no Festival de Veneza — a sala cheia, gente de pé, mulheres de vestido de noite e homens de *smoking* e laço —, bloqueei por completo. O público na Sala Grande do Palazzo del Cinema aplaudia com desmedido entusiasmo aquela que viria a ser a última obra de Colangelo, e todos os envolvidos no filme (metade da sala, era sempre assim nos festivais de cinema) subiram ao palco. Eu, não. Fiquei imóvel, aterrorizado, a ver os créditos e a ouvir o tema final, que eu compusera. Só então tomei consciência de que era um decalque mais ou menos amador do concerto n.º 5 para piano de Beethoven, em mi bemol maior. Recordo-me de olhar em redor para tentar perceber se havia alguma pessoa naquela plateia que se tivesse dado conta do inadvertido plágio; se alguém olhara para mim, o anónimo e ainda jovem compositor, abanando a cabeça. Deixei-me ficar afundado na cadeira. No átrio do Palazzo, o velho Colangelo aproximou-se, o rosto marcado pelas bexigas cada vez mais

vincadas pela idade, e disse-me, em voz baixa, no seu sotaque da Sardenha: “É assim que sabemos, não é?” Nunca entendi o que o homem quis dizer com aquelas palavras. Três meses depois, morreu subitamente num restaurante em Milão, enquanto comia *sca-loppine al limone*. As notícias deram conta de um ataque cardíaco, mas, quando a sua mulher passou por Lisboa anos mais tarde, durante uma retrospectiva dos filmes de Colangelo, confessou-me que Mario morrera com um talo de couve entalado na garganta.

Fraude. Medo. Os dois sentimentos entrelaçavam-se na minha cabeça.

Portanto, quando emergi da estação e dei por mim em cima dos esquis, num dos pontos altos da montanha, pela primeira vez longe da «piscina das crianças», de repente, a ideia de que podia esquiar pareceu-me tão ridícula, tão descabida, que tornei a paralisar. Mas os esquis não ouviram o meu pânico interior e levaram-me adiante. Ouvi a voz enervante de Óscar à distância, abafada pelo manso cobertor de neve: “*A la izquierda, a la izquierda!, carxofa.*” Desorientado, inclinei-me ligeiramente para a esquerda, e os esquis começaram a virar para a direita. Era como se houvesse esquecido todas as lições básicas: um esquiador inclina-se para o lado oposto à rota desejada. Quando dei por mim, estava numa pista azul, distante dos montes amenos e dos postes de teleférico que delimitavam a moderada pista verde, longe de Myriam, de Dylan e do instrutor. Os esquis continuaram a deslizar, cada vez mais depressa, a inclinação cada vez mais pronunciada, e eu, uma criatura desengonçada e apavorada em cima de duas tiras de faixa pintadas com a palavra ATOMIC.

Tentei travar, dobrando as pernas para dentro, mas a velocidade era tanta, e o meu pânico tão forte, que cruzei os esquis e dei um salto no ar, caindo violentamente para trás na neve, que, naquele ponto inicial da pista azul — por onde desciam

os semiprofissionais e as crianças que aprendiam aquela forma de tortura em quinze minutos —, se transformava em gelo. A queda foi tremenda, as minhas costas fizeram um som assustador ao bater no gelo.

Mas o pior ainda estava por vir.

“*Carajo!*”, gritou Óscar, do outro lado da encosta. Junto dele, Dylan estacara, mas a minha mulher continuara a descer, reduzindo-se a um ponto vermelho no meio do branco.

“Socorro!”, gritei, repetidamente, ao compreender que, apesar da queda, a zona de gelo onde me encontrava não me permitia travar. A descida era longa e seria impossível descê-la sentado, mas eu não conseguia levantar-me. Óscar veio ter comigo.

“Eu disse-te para ires para a esquerda!”, ralhou, como se eu fosse uma criança da escola. “Não devias ter vindo para aqui, não estás preparado!”

“Ajuda-me!”, gritei-lhe. O meu berro ecoou através da montanha silenciosa. Óscar travou subitamente, o tempo pareceu estancar. “Ajuda-me, seu filho da puta!”

“... *la mare que t’ha parit*”, praguejou ele, manobrando e estendendo-me o seu bastão para eu me levantar. Mas não fui capaz, faltavam-me as forças. Consegui pôr-me de joelhos na neve, agarrado ao bastão de Óscar, que tentava puxá-lo para si, não fosse ele acabar na mesma situação. Um dos meus esquis tinha-se soltado da bota. “Prende o esqui, não podes estar aqui sem eles!”, berrou o instrutor. O vento fustigava-nos sem clemência, os esquiadores jovens passavam por nós como pequenos tornados, fazendo piruetas.

“Não, *carajo*, tens de o prender!”

“Não sou capaz.”

O instrutor baixou os ombros, como quem desiste. Entre-dentes, praguejou qualquer coisa em catalão.

“Preciso de ajuda”, implorei. “Não há quem me possa vir buscar?”

“Não”, disse Óscar. E, dando meia-volta nos seus esquis, com a destreza de quem dança uma valsa, abandonou-me ali, proferindo, baixinho, algo que eu não consegui ouvir.

“... o quê? *O quê?*”, berrei. E, depois, ainda mais alto: “Faço o quê, porra?”

Vi-o afastar-se na direcção de Myriam e Dylan. Depois, os três começaram a descer a montanha pela pista verde, no encalço do americano. Olhei para a vastidão de branco — a descida parecia-me a pique, mortal — e percebi que estava por minha conta. Que aquele instrutor criminoso me abandonara ali, a sofrer diante do impossível, porventura como castigo pelo desaforo dos dias anteriores. Provavelmente, dissera à minha família que eu estava bem e desceria sozinho. Tive então a certeza de que havia qualquer coisa maldosa na atitude dele, como se desejasse livrar-se de mim para sempre.

“Cabão”, praguejei, entredentes, e tentei erguer-me depois de me libertar do segundo esquí. Imediatamente, escorreguei dois ou três metros. Um dos bastões desapareceu encosta abaixo, mas consegui travar. Levanta-te, disse a mim próprio, já não és nenhuma criança. *Tu consegues, pai*. Um esquiador passou a voar ao meu lado, descendo a pista com sofreguidão. Enterrei no gelo a ponta do bastão que me restava. Era gelo puro, duro e liso. Pus-me de pé, as botas resvalaram uma ou duas vezes, mas consegui manter-me erecto. Agora, era a montanha e eu, uma estalactite humana à beira do precipício.

Poucos metros à minha esquerda, encontrava-se a neve mais fofa, o lado menos íngreme da colina que dava acesso à pista verde. «Estou safo», pensei, alçando a perna e dando um grande passo na direcção do lugar seguro. Imaginei o que diria a Óscar

assim que o visse, enquanto enfiava os polegares nos seus globos oculares até esguicharem sangue, e foi então que, ao pousar a bota pesadíssima no gelo traiçoeiro, dei uma cambalhota no ar e voltei a cair com estrondo na secção mais dura da montanha, com o braço esquerdo torcido para trás, numa posição estranhíssima em relação ao corpo. O peso do tronco a desabar sobre a articulação do ombro, o estalido da cabeça do úmero a sair da posição anatómica — trac! —, ressoando pela Serra Nevada, onde os desportistas engoliam as pistas, bebiam vinho quente com canela ao cair da noite e faziam amor nas suas cabanas idílicas, enquanto os meus verdadeiros problemas começavam naquela brancura a perder de vista, o silêncio cortado pelo meu grotesco urro de dor.

“Pai.”

Ao abrir os olhos, descobri Dylan a olhar-me com uma expressão curiosa.

“O que foi?”

“Tens fome?”

“Não.”

“Aprendi mais uma frase: *Ves-te’n a fregir espàrrecs.*”

“O que é isso?”

“Significa *vai-te lixar.*”

“Oh, por amor de Deus...”

“São todas com vegetais. Brócolos, alcachofras, espargos.”

Olhei para a mesa-de-cabeceira, onde repousavam três caixas diferentes de comprimidos, incluindo Naproxeno e Valium, que Myriam trouxera no seu pequeno estojo de viagem.

“Passa-me um daqueles.”

“De quais?”

“Dos azuis.”

Dylan tirou um dos comprimidos da lamela e colocou-o na minha boca.

“Se calhar, era melhor comeres alguma coisa.”

“Porquê?”

“Porque passaste a noite a falar sozinho depois de teres tomado estes.”

“A tua mãe toma-os todos os dias.”

“A mãe não é maluca como tu.”

“Passa-me o copo.”

Quase não conseguia mover-me. Tinha o braço num suporte que o médico do Hospital Virgen de Las Nieves, em Granada, me colocara ao ombro, e qualquer ínfimo movimento espoletava uma dor intensa, que se propagava pelas costas. Por vezes, sentia-a chegar ao estômago e tinha de morder os lábios para controlar a náusea.

A acreditar na radiografia, as notícias eram péssimas. Além da luxação anterior do ombro — perguntei meia dúzia de vezes se era mesmo preciso andar de braço ao peito —, existiam lesões nos ligamentos glenoumerais e os tendões estavam uma lástima, bem como o lábio glenoidal. Não entendi nada do que o jovem médico enumerou enquanto analisava a radiografia, mas ele — com o ar asséptico e desafectado dos profissionais de saúde — advertiu-me de que era um traumatismo complicado e que, por causa do deslocamento do tal lábio, poderia formar-se um caminho para o “líquido sinovial”, o que levaria ao aparecimento de um quisto; quisto esse que, por sua vez, comprimiria os nervos, reduzindo a força e causando-me dores crónicas.

“O que é que você faz?”, perguntou o médico.

O consultório era pequeno e frio; havia um lavatório para as mãos e, na parede atrás dele, pendurados num suporte,

estavam um negatoscópio, um desfibrilador e um medidor de tensão arterial. Ao lado do médico, uma enfermeira que parecia adolescente observava-me, abraçando uma prancheta.

“Quem é ela?”

“É estudante.”

“Não deviam terminar o curso antes de tratarem das pessoas?”

O médico tinha olhos azuis, nenhuma barba e um aspecto algo andrógino. Ignorou-me.

“Usa muito o corpo? Na sua profissão?”

“Sou músico.”

“Numa banda?”, perguntou a rapariga, excitada.

“O que é que toca?”

“Piano e contrabaixo.” A rapariga desanimou logo. “E sou compositor. Por vezes, também rejeito uma orquestra.”

“Ah”, disse o médico, enquanto olhava para a radiografia. “Isso explica alguma coisa.”

“Explica o quê?”

“A queda foi traumática, mas havia já um grande desgaste nas articulações e ligamentos.”

“Consegue ver isso numa radiografia?”

Ele mostrou a radiografia à estudante. “Vês, aqui...?”

Dylan entrou no gabinete, com um cãozinho ao colo. Era um rafeiro castanho com olhos cor de mel, uma coleira preta a pender-lhe do pescoço. Na outra mão, o meu filho segurava um gelado; levou-o à boca do cão, que o lambeu. A estudante apontou para o cachorro, incrédula.

“O cão não pode entrar aqui.”

“Andava perdido no corredor”, disse Dylan, com um sorriso parvo.

“Deve ter dono”, comentei. “Vai devolvê-lo.”

Dylan resguardou o cãozinho. “*No t’entenc*”, respondeu, e saiu a correr com o animal. O médico começou então a explicar-me a tortura vindoura. Um mês de imobilização, para reduzir a deslocação, e uma consulta imediata com um ortopedista. A idade e o descuido com que usara aquela zona do corpo havia desgastado os tecidos, e o acidente quase rompera os ligamentos coracoclaviculares.

“Quando é que posso voltar a trabalhar?”

O médico imberbe fez um esgar esquisito. O mesmo esgar que o anterior, no centro médico da Serra Nevada, havia feito quando ele e a sua equipa de incompetentes não foram capazes de me colocar o ombro no sítio. Ao final de quarenta e cinco minutos de espera, sentaram-me numa cadeira e puseram-me o braço em cima de um torno. “Vai doer”, advertiu uma das enfermeiras. “A doer, já está”, berrei eu. Na verdade, a dor era quase insuportável; quando a mota de neve me foi buscar ao cimo da montanha, o sofrimento era tanto, que eu chorava. Com o braço sobre o torno, o médico local e duas enfermeiras puxaram-me pelo pulso e o ombro, até eu quase cair da cadeira e soltar um grito que os fez concluir que tinha de ser levado para Granada.

“Depende do trabalho”, respondeu o médico de Granada.

“Tocar piano.”

Ele foi ao lavatório e passou as mãos por água. Secou-as com um pedaço de papel.

“Vai demorar algum tempo.”

“*Algum tempo* é quanto tempo?”

A estudante entrou no gabinete. Atrás dela, veio Dylan, que terminava o gelado, mastigando o cone. Tinha a boca esborratada de chocolate.

“Não sei dizer-lhe.”

“Não *sabe*? Acabou de me explicar tudo, mas não me sabe dizer quando posso trabalhar?”

“Tem de ser visto por um ortopedista.”

“Um mês?”

O jovem esboçou um sorriso bizarro, qualquer coisa entre o nervosismo e a indiferença. “Talvez seja mais um ano.”

“Porra”, exclamei.

Dylan correu para mim e abraçou-me.

Pouco depois, a senhora da recepção pediu-me o Seguro Europeu de Doença (não tinha), o Cartão de Cidadão (não trouxera) e, por último, pediu-me que preenchesse uma ficha com todos os meus dados, e foi Dylan que a preencheu por mim.

“Ele não tem idade para isto”, disse a mulher.

Dylan olhou-a com raiva. Acabou de escrever a nossa morada em Lisboa — enganou-se duas vezes, rabiscou por cima —, depois eu dei-lhe o meu número de contribuinte, e a mulher ficou a olhar para a ficha preenchida por uma criança de onze anos.

“É casado?”

“Por enquanto.”

Dylan voltou a cabeça na minha direcção, abruptamente.

“E a sua mulher?”

“Ficou no hotel.”

A recepcionista gordinha (e muito maquilhada, muito espanhola) olhou para a ficha e começou a introduzir os dados no computador.

“Isto é altamente irregular.”

“O quê?”

“Isto”, repetiu, apontando para Dylan. “Ele é um *niño*.”

Aproximei-me do balcão, exibindo o braço no suporte. “A senhora é cega?”, perguntei. “Acha que eu estou em condições de escrever?”

A mulher fitou-me com desprezo. Imaginei-me a enterrá-la em Palma de Maiorca, na mesma cova que Óscar, e a lançar terra sobre os cadáveres numa noite de trovoadas.

“E o que é que isso me importa?”

“A senhora trabalha aqui.”

“Há que cumprir o protocolo. Um menor não pode preencher formulários.”

“Dê cá essa merda, então.”

“Disseste *merda*”, murmurou Dylan.

Arranquei-lhe o formulário da mão. Com o braço direito, apesar das dores lancinantes, peguei na caneta que estava presa por um fio ao balcão e risquei tudo o que Dylan havia escrito. Pus-me a escrever por cima, com o suporte a puxar-me o ombro para trás, num sofrimento e esforço absurdos, mal conseguindo debruçar-me sobre o papel. Vi o rosto da mulher ficar rubro, a mão dela erguer-se ligeiramente para pegar no telefone, quem sabe com a intenção de ligar ao médico ou ao segurança do hospital: a minha aflição era tão evidente, que o meu filho começou a roer as unhas.

“Quando eu estiver paralisado, você vai ouvir falar de mim”, ameacei, terminando de rabiscar no formulário com uma caligrafia quase incompreensível.

Enquanto saíamos do Hospital Virgen de Las Nieves, o meu filho voltou-se para trás e chamou *espàrrec* à recepcionista. Já no táxi de regresso à Serra Nevada, fi-lo ver que aquela expressão catalã não significava nada na Andaluzia.

“Onde é que encontraste aquele rafeiro?”

Ele olhou-me com esperança.

“Podemos ter um cão, pai?”

Nas roupas ainda molhadas da neve, com o ombro esquerdo estilhaçado, olhei pela janela e, ao ver a estrada enlameada, senti

um desamparo mortal, como quem acaba de ouvir uma pesada sentença.

“Não sei, Dylan.” E acrescentei: “Pergunta à mãe.”

“A mãe não gosta de animais.” O táxi agitou-se na estrada mal pavimentada. “Disseste *por enquanto*.”

“O quê?”

“Disseste àquela senhora que eras casado *por enquanto*.”

Respirei fundo. O interior do carro cheirava a carne fumada. Uma depressão poderosa aproximava-se, e eu sentia-a chegar como os cães pressentem as trovoadas antes de procurarem refúgio.

“O que é que eu disse?”, perguntei-lhe.

“Quando?”

“Disseste que falei sozinho a noite toda.”

Dylan passou-me o copo de água. Bebi. Soube-me a noite, a sono.

“Palavrões.”

Dylan foi deitar-se na pequena cama ao fundo do quarto. Eu e Myriam dividíamos a cama de casal, embora, em Lisboa, já não dormíssemos juntos havia alguns meses. Ele não sabia; deitava-se antes de nós e, quando acordava, lá estávamos os dois para o pequeno-almoço. Desconhecia ainda que, desde o Natal, eu dormia no escritório; primeiro, num saco-cama ao lado do piano e, depois, no sofá, com as pernas dobradas e um cobertor do rato Mickey (que pertencera a Dylan) para me proteger do Inverno.

“Que palavrões é que eu disse?”

Dylan hesitou.

“Posso dizer, pai?”

“Podes.”

Ele sorriu, muito satisfeito. Até naquele tempo invernososo se viam as suas sardas, os olhos castanho-claros, a expressão alegre. “Disseste *merda*. E *foda-se*. E *toma lá disto, sua puta...*”

“Dylan!”

Ele voltou-se. Myriam estava no meio do quarto, com um saco de papel castanho na mão direita. Fez-se um silêncio prolongado, enquanto ela despiu o casaco e tirava as luvas. O cheiro a café invadiu o espaço. Depois, encarou-me com reprovação. Parecia-me que aquele olhar perdurava há uma eternidade.

Dylan girou um dedo junto da têmpora, indicando que eu era maluco.

“A culpa é minha”, justifiquei.

“Eu sei que a culpa é tua”, respondeu ela.

Tirou do saco um copo de papel com café, e um *croissant* melado. Trouxe-os até à cama. Eu sentei-me mais direito, o movimento provocando-me uma estranha agonia, mascarada pelos medicamentos. Era como se o meu ombro e as minhas costas fossem peças de Lego que alguém não montara devidamente. “Dylan, preciso de falar com o teu pai, vai dar uma volta.”

“Aonde?”

Myriam fitou-o com paciência. “Vai dar uma volta, Dylan.”

O miúdo olhou-me como quem procura uma resposta definitiva, e eu limitei-me a piscar-lhe o olho. Quando ele saiu, Myriam sentou-se na beira da cama e passou-me o café. Ergui o braço direito e soltei um palavrão quase sem querer.

“Cuidado”, disse ela.

“Está demasiado quente.”

“Não está demasiado quente.”

Myriam pousou o copo e o *croissant* na mesa.

“Se é por causa dos palavrões, peço desculpa. Não estou com cabeça para discutir.”

OS DIAS CONTADOS

UM THRILLER DE JOÃO TORDO

Tudo tem um princípio, até mesmo o terror sem fim.

Depois de *Águas passadas* e *Cem anos de perdão*,
uma viagem às origens de Pilar Benamor
e ao caso que acordou todos
os seus fantasmas

Fevereiro de 2013: um acidente na neve precipita uma cadeia de acontecimentos que culminam no primeiro caso de investigação que cai nas mãos de Pilar Benamor.

Quando o compositor Flores Baltazar regressa, com o filho e a mulher, de umas malogradas férias de esquí, apodera-se da família um mal-estar existencial. Tudo se agrava certa tarde, quando, à porta da escola do filho, Baltazar se envolve num confronto com o pai de outro aluno. Os polícias chamados ao local são os agentes Costa e Benamor.

Serão também eles a encontrar, dias depois, o cadáver de uma mulher num clube nocturno. Os contornos macabros do crime remetem Pilar Benamor para o célebre caso do Embalsamador, um psicopata que aterrorizou Lisboa e conduziu o seu pai ao desespero.

Ao longo da investigação, Pilar levanta o véu de uma rede de tráfico humano e enreda-se num perigoso feudo familiar. Quando um segundo cadáver embalsamado aparece com um recado sinistro para a agente, instala-se a certeza de que o caso do Embalsamador não ficou resolvido.

OS DIAS CONTADOS retrata o embate de Pilar Benamor com as várias faces do horror, pondo a descoberto os danos irreversíveis das falhas humanas.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt



[companhiadasletrasportugal](https://www.facebook.com/companhiadasletrasportugal)

ISBN: 978-989-589-425-3



9 789895 894253